

CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO DE SANTA QUITÉRIA (*)

OTÁVIO LÔBO

Comemora-se, hoje, entre alegrias e festas, o primeiro centenário do município de Santa Quitéria.

É a homenagem que o povo quiteriense rende, com entusiasmo e gratidão, às virtudes de antepassados que lutaram em prol da gleba natal e dos que, ainda hoje, continuam no mesmo labor, neste rincão sertanejo, onde desabrocha, qual flor de sol, esta risonha e feiticeira cidade.

Festa de confraternização de todos os seus filhos. De união do presente ao passado. Solenidade em que se celebra o marco de uma grande caminhada. Caminhada de cem anos, que se foram.

E, hoje, ao perpassar dos últimos instantes dêste centenário, o destino quis, em feliz coincidência, que o capitão LÚCIO PINTO DE MESQUITA, o primeiro intendente desta comuna, em 1856, se repetisse em seu bisneto EDSON LÔBO DE MESQUITA, o atual prefeito do município, neste ano da graça de 1956.

Assim, no ciclo inicial do desenvolvimento do município de Santa Quitéria, a nota que lhe caracteriza a história é o entrelaçamento do grupo social, tão ligado pelo sangue e afinidade, em gerações sucessivas, como se fôra uma só família.

JOÃO PINTO DE MESQUITA SOUSA foi o bravo português que, em pisando, primeiro, estas terras, aqui se fixou.

(*) Discurso pronunciado na cidade de Santa Quitéria, em solenidade comemorativa.

Informa-nos ANTÔNIO BEZERRA, teve êle diversos filhos, entre os quais o capitão-mor ANTÔNIO PINTO DE MESQUITA, avô da mulher do senador FRANCISCO DE PAULA PESSOA, mãe do senador VICENTE ALVES DE PAULA PESSOA, senhora respeitável por suas seletas virtudes; dona ISABEL GERACINA, avó do senador TOMÁS POMPEU DE SOUSA BRASIL, e JOÃO PINTO DE MESQUITA.

“Cascavel” fôra o primitivo nome da fazenda de JOÃO PINTO MESQUITA SOUSA, sita no mesmo local onde se ergue esta cidade.

Em breve, a fazenda transformá-se em arraial.

Continuando a obra de seu genitor, o capitão-mor ANTÔNIO PINTO DE MESQUITA concedeu terras a vários moradores, dando, por fim, as terras de “Santa Clara” para formar o patrimônio de uma capela.

Não tardou a construção. Generosas foram as espórtulas dos fiéis e também as dádivas do Cel. VICENTE ALVES DA FONSECA.

Conta-nos o mesmo ANTÔNIO BEZERRA que nesse serviço trabalharam, como carpinteiro e pedreiro, os irmãos TOMÁS CORREIA e ANTÔNIO CORREIA, um dos quais era avô do Revmo. Pe. LOURENÇO CORREIA, que foi visitador na Província.

Concluiu-se a igreja na administração do Pe. MANUEL FRANCISCO DE OLIVEIRA, e sob a invocação de Santa Quitéria.

Aconteceu que, construído o templo, a população circunvizinha, em um perímetro mais ou menos de dez léguas, antes tributária da capela de Caiçara, hoje Sobral, nos dias de festas religiosas e celebração de missa, tôda ela, agora, rumava para o povoado de JOÃO PINTO DE MESQUITA SOUSA. Foi-lhe tal o desenvolvimento que, atendendo às justas reivindicações dos fiéis, criava-se, pelo Alvará Imperial de 22 de maio de 1823, a freguesia de Santa Quitéria, desligada da de Sobral. Pela lei nº 782, de 27 de agosto de 1856, foi criado o município, sendo o povoado elevado a vila, governando então a província FRANCISCO XAVIER PAIS BARRETO.

Pelo Decreto nº 448, de 20 de dezembro de 1938, obteve a vila os foros de cidade, sendo Interventor do Ceará FRANCISCO DE MENESES PIMENTEL, filho desta terra.

Nesta comemoração, é justo prestarmos nossas homenagens a êsse varão lusitano JOÃO PINTO DE MESQUITA SOUSA, que lançou, no seio ardente dêste pedaço do Ceará, a semente de nossa cidade, cidade que, apesar das condições ecológicas e a incidência, iterativa do flagelo das sêcas, malgrado à precária assistência dos podêres públicos, vem lutando, com tenacidade, no sentido de firmar-se centro agro-pecuário e industrial desta zona sertaneja.

O aspecto fisiográfico do município — árida região de largos campos, caatingas agressivas, tabuleiros extensos, solo plano, com suaves ondulações, riscado de ravinas de cursos efêmeros, — faz dêste trato de terra sertão propício à criação ãe gado.

“Quando os vaqueiros de Garcia d’Ávila, da casa da Tôrre, comenta GUIMARÃES DUQUE, trouxeram o primeiro boi para o São Francisco, êles ensinaram uma lição de ecologia que duraria séculos.

O boi, a caatinga, o clima sêco, o hábito carnívoro da população demonstram o destino natural do vale para a pecuária.”

Essa sábia lição de experiência e bom senso, condizente com os princípios da agrologia moderna, receberam nossos maiores.

A criação foi e continua a ser principal e estável fonte de produção.

Se de início êsses antepassados tivessem tentado, contrariando as condições mesológicas, uma agricultura intensiva, devastando, a machado e a fogo, as escassas matas locais, por certo, a terra desnuda, ferida pela erosão, sujeita às intempéries, seria hoje um vasto deserto, deserto que, infelizmente, se não me afigura longínquo, com o regime da atual lavoura, espoliativa, sem técnica, a braço sôlto, atentado às leis do código da natureza, porta aberta à saarização dos sertões.

No nordeste brasileiro, desenvolveram-se, paralelamente,

duas culturas: uma que corresponde à faixa úmida do litoral de Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Alagoas — característica do ciclo da cana-de-açúcar; a outra, compreendendo o polígono das secas, desde a região são-franciscana até a linha divisória das águas do Paraíba, no Piauí — característica do ciclo da pecuária ou civilização do couro.

O desenvolvimento dêste município processou-se, como era natural, sob o signo dêsse último ciclo.

As grandes fazendas, as médias e pequenas propriedades rurais formavam o patrimônio das famílias.

O brasão da nobreza sertaneja expressava-se em terra de criar.

Donos de fazendas eram uma espécie de senhores feudais, em que o prestígio substituía o privilégio do sangue. Na vasta zona nordestina, famílias ilustres de Pernambuco e Ceará, residentes na capital e cidades mais importantes, eram proprietários de latifúndios.

Entre nós, ainda hoje, há largas faixas de terrenos pertencentes às famílias PAULA, SABÓIA e outras, domiciliadas em Fortaleza e Sobral. A ação catalítica das grandes fazendas refletia-se entre os proprietários locais, no despertar-lhes o estímulo à criação e o amor e apêgo à gleba. Se não houve, entre o homem do campo e o proprietário residente na sede da comuna, na capital e outras cidades, intercâmbio de cultura, na acepção restrita do têrmo, existiu, é certo, essa mútua confiança de relevante valor na formação moral do sertanejo. Realmente, na ausência do fazendeiro (aliás, é hábito o absentismo no interior), o vaqueiro é para todos os fins o dono da fazenda.

Não tivemos, pròpriamente, no sertão, o trabalho escravo.

Escasso era o braço negro. E a labuta do campo é tarefa de ampla liberdade, de grande responsabilidade, de permanente zêlo, incompatível com o regime da senzala. Sem a influência marcante do sentimentalismo da raça africana, sujeita, pelos percalços da escravidão, aos caprichos da libido de senhores dissolutos, o homem rural nordestino conserva e cul-

tua, no lar e nas relações do grupo, elevado nível de moralidade.

As questões de honra, como as de terra, são, às vezes, resolvidas antes do pronunciamento da justiça.

Enquanto a criação figurava, antigamente, como importante fonte de riqueza, o trabalho agrícola apresentava-se de somenos relevância. Serviço pesado, de rendimento pendente de invernos regulares, pequeno consumo de cereais, em virtude da pouca densidade demográfica, explicam a precariedade da lavoura, na época.

Plantar, naquele tempo, era ofício menos nobre do que criar.

Sabemos de fazendeiros ricos, mas de grandes agricultores não há notícias. O homem da lavoura era o operário, o morador, o agregado, o vaqueiro. Só mais tarde, por circunstâncias decorrentes do aumento da população, se incrementou a cultura agrícola, principalmente da mamona e do algodão. Esse fomento à lavoura despertou o surto industrial do beneficiamento do algodão e oiticica, com a instalação de possantes fábricas, cujo acelerado ritmo de trabalho informara nova fisionomia à cidade.

ARTUR TEMÓTEO foi o pioneiro desse desenvolvimento industrial, mantido depois pelo Senhor MARTINS, J. PARENTE e CIDAO.

O comêço do século é assinalado pela fundação do "Colégio São Luís" evento notável na história desta cidade.

O Pe. TABOSA, então vigário da paróquia, com aquêlê espírito de iluminado, e desassombro de apóstolo, auxiliado pelo Dr. SALES CAMPOS, SEBASTIÃO DAMASCENO, JOSÉ JACOME e EMÍDIO LUZ, inaugurou neste alto sertão um dos mais afamados estabelecimentos de ensino do Estado.

A figura ímpar desse sacerdote, vista da altura deste meio século, nem mingua, nem se apaga, como recorte de serrania ao longe, mas cresce e agiganta-se.

A influência mental desse educandário não agiu somente no âmbito do município. Ultrapassou-lhe os limites e de longes distâncias, de Ipu, Sobral, Pedra Branca, Boa Viagem,

Crateús, Camocim, se abalaram estudantes que vinham a essa espécie de metrópole cultural sertaneja, no início do século.

Santa Quitéria, terra de varões ilustres, tinha de ser agraciada, mercê de Deus, com um instituto de alto padrão, para que a semente da inteligência, tão comum aos filhos dêste torrão, continuasse a germinar, honrando as tradições do passado, tradição que se expressa em vultos de real valor: Senador TOMÁS POMPEU DE SOUSA BRASIL, nome que enche a história da Província, no Império. Cerebração de sábio e cultura de nórdico. Senador JOAQUIM CATUNDA, cientista, historiador e tribuno. GONÇALO INÁCIO DE LOIOLA MORORÓ cujo sangue derramado disseminou pelo Brasil o germe de liberdade. DELMIRO GOUVEIA — gênio industrial. MENESES PIMENTEL, governador, ministro de Estado, deputado, professor universitário, chefe político de projeção nacional. É justo ressaltar, também, por longa que seja a enumeração, outros nomes que, no sacerdócio, na medicina, no direito, no magistério, nas letras, ilustram a terra de POMPEU e CATUNDA: Pe. JOCA MENDONÇA, Pe. ANTÔNIO DE SOUSA BARROS, Pe. FRANCISCO GONÇALVES FERREIRA DE MAGALHÃES, GREGÓRIO FRANCISCO TÔRRES DE VASCONCELOS, JOÃO MIGUEL DA FONSECA LÔBO, Pe NELSON TERCEIRO DE FARIAS, ZACARIAS CELSO DE MAGALHÃES, JÁCOME JOSÉ DE OLIVEIRA, PIMENTEL JÚNIOR, TOMÉ CATUNDA DE FARIAS, OTÁVIO TERCEIRO DE FARIAS, INÁCIO MOACIR CATUNDA MARTINS JOÃO MARTINS DE MESQUITA, AFONSO WÁLTER MAGALHÃES PINTO, RAIMUNDO TIMBÓ, JOSÉ CATUNDA MARTINS, BIBIANO TIMBÓ, ANTÔNIO PIMENTEL, CARLOS FURTADO LÔBO, JAIME MAGALHÃES, DJAMIRO DE ANDRADE, RAIMUNDO GONÇALVES MAGALHÃES PINTO, JOSÉ CATUNDA DE MESQUITA, FRANCISCO GONÇALVES MAGALHÃES PINTO, JOSÉ CATUNDA DE MESQUITA, FRANCISCO GONÇALVES MAGALHÃES, JOSÉ ALFREDO RODRIGUES PARENTE, NERI CA-MELO, CONSTANTINO MAGALHÃES, JÚLIO MARTINS BRAGA, EVARISTO LINHARES LIMA, TOMÁS CA-

TUNDA, Pe. ALBANI LINHARES, GONÇALO CATUNDA MARTINS, EDGAR LINHARES LIMA, VICENTE PAULA PARENTE, Fr. ASSIS LÔBO, ARACI MAGALHÃES MARTINS e tantos outros e ainda mais uma plêiade dedicada e inteligente de professoras conterrâneas que se dedicaram e se dedicam ao apostolado da educação.

No interior do Brasil houve, no Império, e ainda hoje perdura, uma aristocracia de famílias sertanejas cuja influência se acentua no meio, em razão direta de condições econômicas, culturais, sociais e políticas.

No nordeste, na zona açucareira, ela se traduz na casa grande do engenho. No sertão do polígono sêco, na casa da fazenda.

Nos dias atuais, o interior cortado de estradas, o motor devorando distâncias, a indústria mudando a feição dos núcleos rurais, a escola mais difundida e o rádio escutado em todos os recantos, modificou-se, profundamente, o meio e vão caindo em desuso os velhos padrões educacionais.

Mas nem tudo se transformou. Algo remanesce, no *hinterland*, dessa tradição, pois, em verdade, nos sertões, é onde se sente bem o Brasil brasileiro, despido de artificialismos de civilizações importadas, onde se esconde o cerne da raça, onde se guarda o patrimônio da nação.

De tudo o que herdamos, foram depositárias, de geração em geração, essas nobres linhagens sertanejas, austeras e sóbrias.

Citar, nesta solenidade comemorativa do primeiro centenário do município, os nomes dos chefes das principais famílias quiterienses é recordar e viver a história desta gleba, no passado e no presente, em sua tradição e nas realizações de progresso: Ludovico Pinto de Mesquita, João Antônio de Mesquita Magalhães, José Alves de Mesquita, Francisco Alves da Fonseca Lôbo, Herculano Magno de Mesquita, Florêncio Alves de Mesquita, Florêncio Oliveira de Mesquita, Miguel Matias Rodrigues de Macedo, José Gonçalves Magalhães, João Simplicio de Farias, Joaquim Gonçalves Magalhães Ginoca, André Jácome, José Ribeiro de Farias, Manuel Felino de Mesquita,

José Alves de Mesquita Neto, Vicente Policiano Lopes, Ab-Del-Aman Catunda, Ignacio Alves de Mesquita, Sebastião Jovito de Farias, Antônio Vespa de Oliveira Magalhães, José Catunda de Mesquita, Manuel Alves da Fonseca Lôbo, Ernesto Justiniano de Andrade, Tomás Pompeu de Sousa Catunda, Manuel Rodrigues Pinto, Tomás de Aquino de Sousa Catunda, João Domingos de Mesquita, Antônio Lopes Benevides, Antônio de Sousa Catunda, Antônio Leocádio Magalhães, Francisco de Paula Lôbo, Adroaldo Martins de Mesquita, Florêncio Pereira Damasceno, João Timbó, Luís de Paiva Timbó, Luís de Paiva Araújo, Manuel Rodrigues Tavares Parente, Francisco Martins Pereira, Manuel Rufino Magalhães, Manuel Severino de Mesquita, Florêncio Domingos de Mesquita, Antônio Lopes Cavalcanti, Francisco Gonçalves Magalhães, Euclides Lôbo, Francisco de Mesquita Sales, Manuel Porfírio de Sousa Lôbo, Napoleão Camelo, Ab-Del-Cader Catunda, Antônio Rodrigues Tavares, João Rodrigues Pinto, Joaquim Florêncio de Mesquita, João Pedro Magalhães, Djalma Catunda, Raimundo Martins de Mesquita, Antônio Ernesto de Andrade, Nilo Catunda e Delmiro Porfírio de Farias.

O tempo é como água corrente. Vai passando, em suaves remansos ou em cachoeiras tumultuárias. E, à medida que passa, corrói a rocha, cava a terra para depositar além o humo que fertiliza searas. O tempo é rio que desfaz e refaz.

Nestes cem anos, passaram gerações e, com elas, entes queridos que a saudade nunca cansa de chorar nem a memória de reviver. Foram-se como águas movediças.

Mas, nesse perpassar dos anos, alguma coisa ressurgiu, como a terra nova que se forma à margem das torrentes.

Assim, o esforço, a experiência, a cultura, a religião, a tradição que cada geração vai transmitindo a outra geração, como a chama de um círio que passa para outro círio. Neste dia memorável, entregue a geração presente à geração moça esta chama simbólica, para que acenda nos corações o amor, o desvêlo, o entusiasmo por esta terra querida, nossa terra, terra de Santa Quitéria.

UM SONHO

(Sully - Prudhomme)

*O lavrador me diz, em sonho: “ — Produz pão,
Que eu não te nutro mais: cava a terra e semeia.”
“Prepara a tua roupa” — exclama o tecelão,
E o pedreiro: — “Ergue a casa e o teu fogão ateia.”*

*De todo abandonado, em minha solidão,
Anátema cruel me persegue e rodeia...
Se intercedo do Céu a sua compaixão,
Vejo-me entre leões, num deserto de areia!...*

*Mal os olhos abri, comoveu-me o que via:
Operários lutavam em sua árdua porfia,
Oficinas zunindo, os campos semeados...*

*Senti-me tão feliz!... longe um mundo mesquinho:
Ninguém pode viver isolado e sozinho!
E desde então, por mim, os homens são amados.*

Andrade Furtado